

Grupos de apoio a cuidadores informais de idosos com transtornos mentais: uma revisão bibliográfica¹

Ana Paula de Freitas²

RESUMO

O cuidado ao idoso fragilizado vem adquirindo importância social cada vez maior, principalmente devido ao seu caráter multidimensional, pois compreende as várias facetas dos relacionamentos do idoso, do cuidador, da família e da comunidade. O suporte ao familiar deste idoso é uma das importantes dimensões. Esta revisão bibliográfica teve por objetivo identificar os artigos científicos a respeito de grupos de apoio aos familiares/cuidadores informais de idosos com transtornos mentais publicados nos últimos 20 anos. Foram analisados cinco artigos na base de dados Scielo, com importante contribuição teórico-prática para o campo das intervenções grupais com os cuidadores de idosos. Os dois principais eixos de atuação dos grupos focalizaram o suporte psicoeducacional e o suporte afetivo-social para a sobrecarga do cuidador, sendo o primeiro mais privilegiado.

Palavras Chave: grupos de apoio, cuidadores familiares, idosos, demências

¹ Texto adaptado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a finalização do Curso de Especialização em Gerontologia pela Universidade de Araraquara– Uniara, sob orientação da professora Dra. Rita de Cássia G. Pereira (2020)

² Psicóloga Psicoterapeuta; Mestre em Psicologia Aplicada. Gerontóloga.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno demográfico que vem acontecendo no Brasil e no mundo, especialmente a partir da segunda metade do século XX. A população brasileira vem mantendo a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2017).

Tal fenômeno apresenta-se em sua complexidade, uma vez que foi uma conjunção de fatores os responsáveis por tal aumento populacional. Políticas públicas de cuidado à saúde, a urbanização, aumento da escolaridade são alguns destes fatores (PASCHOAL, 2002).

Importante frisar que o envelhecimento populacional com qualidade de vida foi sempre desejado. É sonho humano viver muito e viver bem. Porém, o envelhecimento ocasionou uma série de desafios para a sociedade como um todo. Os altos custos com os cuidados à saúde, a renda a ser distribuída nas aposentadorias, a capacitação de profissionais para os cuidados com os idosos frágeis, são alguns dos fatores que continuamente preocupam e suscitam debates no âmbito público.

No Brasil, país tão desigual em sua distribuição de renda, o envelhecimento populacional preocupa. A recente diminuição do acesso ao estado de bem estar social é catastrófica para o idoso, em especial ao idoso fragilizado.

Em função de todos estes fatores, nas últimas décadas observou-se a emergência de pesquisas e estudos mais sistemáticos a respeito dos cuidados aos idosos fragilizados, especialmente aqueles acometidos pelas demências, tanto na saúde pública quanto no suporte às famílias em seus domicílios. O cuidado a este idoso fragilizado ganhou um espaço cada vez maior, principalmente devido ao seu caráter multidimensional, pois compreende as várias facetas dos relacionamentos do idoso, do cuidador, da família e da comunidade (FALCÃO; BUCHER-MALUSCHKE, 2006; PINTO et al., 2009; RODRIGUES et al, 2012).

A literatura classifica os cuidadores em formais e informais. Os primeiros são os trabalhadores remunerados para a tarefa do cuidar. O crescimento da demanda pelo

trabalho dos cuidadores formais de idosos foi tão expressivo, que, em 2019, o senado brasileiro finalmente aprovou a regulamentação da profissão de cuidador de pessoa idosa (BRASIL, 2019). Nos termos desta lei, o cuidador de pessoa idosa é o profissional que desempenha funções de acompanhamento e assistência exclusivamente à pessoa idosa.

Já o cuidador informal refere-se aos familiares e às pessoas da rede de relações do idoso (vizinhos, amigos, por exemplo), e é também objeto de estudo da gerontologia em função de sua vital importância no processo de cuidar.

Leme e Silva (2002), estudando o tema idoso-família, ressaltam a importância do estudo familiar na investigação gerontológica, para um melhor conhecimento do idoso como um todo pessoal. Afirmam que o papel da família, torna-se particularmente relevante durante dois períodos polares: o período educativo propriamente dito, isto é, infância e adolescência, e em outro polo, na senectude.

Pode-se traçar um perfil simplificado do cuidador da seguinte forma: o cuidado ao idoso é feito pelas mulheres, em geral esposas e filhas, e entre estas, as que possuem mais laços afetivos com o idoso. Estão na meia idade ou são idosas, e são comumente pressionadas socialmente se não exercem a função de cuidar (NERI, 2002). Esta pressão, juntamente com todas as outras advindas do ato de cuidar, é parte do chamado estresse do cuidador. Não é sem motivo que se fala no cuidador como sendo o ‘doente oculto’, levado muitas vezes a situações de desequilíbrio psíquico mais graves, em si, do que a própria doença do idoso (LEME; SILVA, 2002). E, partindo-se da concepção sistêmica da família, este desequilíbrio afetará a saúde de quem participa do sistema, neste caso o idoso que está recebendo o cuidado. Fecha-se então um círculo de relacionamentos disfuncionais, fazendo com que as intervenções junto aos idosos devam ser pensadas considerando o grupo familiar.

É reconhecida a importância das diversas intervenções psicossociais para o bem-estar psicológico de cuidadores de pacientes com demências, como mostram as meta-análises de pesquisadores chineses (CHIEN et. al., 2011) e norte-americanos (BRODATY et al., 2003). No Brasil, algumas pesquisas têm sido feitas a respeito do tema, como se observa nos trabalhos que se seguem.

Ilha et al., (2018), em sua pesquisa sobre um grupo composto por 13 famílias para identificar quais as gerontotecnologias empregadas pelos familiares/cuidadores como estratégias de cuidado complexo à pessoa idosa/família com doença de Alzheimer, obteve dados que revelaram oito subtipos de gerontotecnologias empregadas, às quais eram empregadas pelos familiares no cuidado ao idoso.

Já o estudo de Almeida et al., (2012) procurou descrever a maneira como os cuidadores familiares realizam o cuidado aos idosos em condição de dependência, no contexto da Estratégia da Saúde da Família. Ressaltaram a importância das orientações da enfermagem junto aos familiares.

O artigo “A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso dependente” de Salgueiro e Lopes (2010) analisou o funcionamento da família cuidadora, relacionando o nível de dependência do familiar idoso e a idade dos cuidadores com a dinâmica familiar.

Assim, mostra-se a relevância dos estudos sobre o tema referido, para explorar melhor a capacidade de auxílio à população e direcionar as intervenções dos profissionais da saúde.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os artigos científicos a respeito de grupos de apoio aos familiares/cuidadores informais de idosos com transtornos mentais realizados no Brasil.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Caracterizar os grupos de apoio dos artigos analisados em termos de sua composição: local de encontro, número de participantes, frequência, instituições promotoras.

Analisar as tecnologias grupais empregadas.

3 METODOLOGIA

O método empregado consistiu na revisão bibliográfica sobre o tema tendo como fonte as revistas científicas brasileiras indexadas na base de dados Scielo nas duas primeiras décadas do século XXI (2000 até 2019). A escolha por esta base de dados justifica-se pela amplitude de periódicos disponíveis em língua portuguesa, retratando a realidade do país. E o curto tempo selecionado – as últimas duas décadas, justifica-se pelos novos estudos na área gerontológica, que foram sendo aprimorados dada a nova realidade do envelhecimento populacional no Brasil.

Foram feitas buscas com palavras-chave relacionadas ao tema, como: grupos de apoio, grupos de autoajuda/ajuda mútua, *support groups*, cuidadores familiares. Foram então selecionados os artigos a partir dos seguintes critérios de inclusão: artigos sobre grupos de apoio a familiares de idosos com transtornos mentais; artigos sobre grupos de ajuda mútua entre familiares de idosos com transtornos mentais/demências. Excluiu-se artigos relativos a grupos de apoio a familiares de pacientes psiquiátricos; grupos de apoio para idosos e suas famílias (simultaneamente); pesquisas sobre cuidadores informais de idosos feitas de maneira individual (entrevistas, avaliações, etc.).

A partir deste levantamento, os artigos escolhidos foram analisados em termos da composição do grupo de apoio descrito: formação do grupo, número de participantes, frequência e duração dos encontros, instituições promotoras.

Em seguida, foram analisadas as tecnologias grupais mencionadas. Por tecnologias grupais referimos aos procedimentos técnicos adotados nas conduções dos encontros. Se o grupo utiliza tipos de dinâmicas de grupo, palestras, se segue um roteiro prévio, tipos de hierarquias (coordenação e lideranças), tempo de fala das pessoas, entre outros.

Todos os resultados foram organizados numa tabela para melhor visualização, seguida da discussão a respeito do perfil destes grupos de apoio, para então chegar até as considerações finais, chegando assim ao término da pesquisa bibliográfica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento da pesquisa, foram separados os artigos a partir das palavras-chave previamente estabelecidas. O total de artigos encontrados foi de 12. Após uma primeira leitura, foram excluídos sete artigos, pois, embora tratassem do tema, o método empregado foi a entrevista individual com os cuidadores.

Restaram então apenas cinco artigos que preencheram os critérios previamente estabelecidos. Eles foram organizados na tabela abaixo:

Palavras-chave	Artigos (título) e ano	Frequência do grupo	N de participantes	Instituição promotora	Tecnologias grupais
<i>Grupos de apoio</i>	1. Tecnologia cuidativa de ajuda mútua grupal para pessoas com Parkinson e suas famílias. (2010)	Quinzenal	14	Universidades estadual e federal - atividade de extensão	Música, atividades corporais, socialização de vivências cotidianas de enfrentamento da doença,
	2. Grupos de Ajuda Mútua para Cuidadores informais de pessoas com demência: no sentido de um helping ethos comunitário. (2017)	Mensal	6 a 23	Universidade do Porto - Portugal	Diálogo/partilha de emoções, experiências e anseios; partilha de informação que consideram relevantes para o cuidado; atividades de relaxamento. Atividades recreativas (aulas de ginástica, sessões humor, dança, workshop de cozinha, cantares, passeios, labores, festa de natal
<i>Grupos de autoajuda /ajuda mutua</i>	3. Grupo de ajuda mútua a familiares de pessoas idosas com demência: desvelando perspectivas (2017)	Mensal	19	Regional da Abraz – organização sem fins lucrativos	compartilhar de experiências
<i>Cuidadores familiares /suporte familiar</i>	4. Efeitos de uma intervenção psicoeducativa em cuidadores familiares de portadores da doença de Alzheimer (2011)	Semanal	17	Hospital de Clínicas - Instituto de psiquiatria USP São Paulo	Apresentação de temas sobre o processo de demência; troca de experiências sobre como lidar com os problemas cotidianos do cuidado; filmes; debates, técnicas de relaxamento.

	5. Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos (2002)	Semanal	8 a 20	Centro de Saúde - Escola UNESP Botucatu	Apresentação oral, com recursos audio-visuais, atividades práticas (relaxamento, demonstração de técnicas); técnicas psicodramáticas focalizando o papel do cuidador
--	---	---------	--------	---	--

O primeiro artigo, Tecnologia cuidativa de ajuda mútua grupal para pessoas com Parkinson e suas famílias, de Edith Sena e outros (2010), trata de um trabalho muito interessante da área da Enfermagem. A universidade estadual do sudoeste da Bahia e a Universidade Federal de Santa Catarina realizaram uma pesquisa interinstitucional com 13 famílias de pessoas com doença de Parkinson, que participavam de grupos de ajuda mútua (GAM). Investigaram as gerontotecnologias empregadas por eles no cuidado ao idoso, para isto utilizando o conceito de tecnologia cuidativa de ação grupal de ajuda mútua. O entendimento de tecnologia aqui adotada é a da concepção de tecnologias leve e leve-dura de Merhy: este conceito refere-se

A produção de tecnologia de cuidado que se expressa de modo exclusivo o trabalho vivo em ato, como as ações de ajuda mútua grupal com foco na inserção/reinserção social e na ampliação de rede de relações como potencial suporte social dos pacientes participantes do grupo (MERHY, apud SENA et al., 2010, p. 94).

Como avaliação dos resultados do GAM (Grupos de Ajuda Mútua), as autoras utilizaram um instrumento para pré e pós testagem da tecnologia grupal, chamado Mapa Mínimo das relações (MMRI) de Sluzki, que identifica as redes de relações (idem). Os grupos foram efetivos em termos de formação e manutenção de rede de relação de pessoas que representem real suporte social desses pacientes. Avaliaram também, de forma subjetiva, outras efetividades, como facilitar a aceitação da doença, estímulo ao enfrentamento da situação de cronicidade, capacitação para buscas autônomas de recursos e conhecimentos benéficos ao viver diário, estímulo ao desenvolvimento da solidariedade, desenvolvimento de confiança e respeito mútuos, valoração das capacidades presentes e estímulo à autoconfiança, entre outros.

O segundo artigo intitula-se Grupos de Ajuda Mútua para Cuidadores informais de pessoas com demência: no sentido de um *helping ethos* comunitário de Ribeiro et al.

(2017). É interessante por compartilhar a experiência de cinco grupos de ajuda mútua no norte de Portugal, numa realidade social, econômica e cultural diferente da brasileira.

O artigo expôs as particularidades de funcionamento dos GAMs desenvolvidos no âmbito de um projeto de intervenção comunitária para cuidadores informais de pessoas com demência, em cinco cidades portuguesas. A partir de capacitações psicoeducacionais para os cuidadores promovidas por um projeto entre universidades e governo, os próprios participantes mostraram interesse em continuar os encontros. Assim, alguns profissionais da Psicologia ajudaram na organização dos cinco GAMs, e estes foram o objeto de análise do trabalho.

A peculiaridade deste trabalho foi descrever uma análise detalhada de cinco grupos, explicitando a dinâmica de funcionamento de cada um, as atividades realizadas, os coordenadores, os propósitos dos participantes. Observaram a evidente interação entre os participantes, a qual denotava a existência de relações interpessoais sólidas e altamente valorizadas; um sentido de pertença a uma rede sólida por meio da partilha de experiências, de informações úteis e de estratégias para lidar com o problema, as quais têm como fim último reduzir o estresse e a sobrecarga emocional (RIBEIRO et al., 2017).

Os autores destacam a importância dos GAMs, que já foram legitimados como política de saúde desde a Carta de Otawa ao motivar a reunião e partilha das necessidades de alguns subgrupos populacionais e ao fomentar o autocuidado e a ajuda mútua. Como continuidade das pesquisas, acrescentam a necessidade de compreender os mecanismos de funcionamento dos GAMs e os seus efeitos psicossociais e comunitários e conscientizar decisores políticos e direções das organizações públicas de assistência para a importância desta tipologia de intervenção considerada de baixo custo.

O terceiro artigo fez uma análise de um grupo realizado em Florianópolis – SC em parceria com a ABRAZ – Associação Brasileira de Alzheimer, uma organização não governamental expressiva no país e responsável por congregar vários grupos de ajuda mútua. O título do trabalho é Grupo de ajuda mútua a familiares de pessoas idosas com demência: desvelando perspectivas, de Pires et al., (2017), também vinculado à área de Enfermagem.

As pesquisadoras coletaram dados através de observações de reuniões do GAM e de entrevistas semiestruturadas individuais, depois submetidas à análise de conteúdo. Quatro categorias foram encontradas: Motivos para buscar o grupo; Benefícios da participação no grupo; Dificuldades de envolver-se no grupo; Valorizando o estar em grupo.

De modo geral, as narrativas dos cuidadores familiares descreveram como motivação para participação no grupo a busca pelo conhecimento sobre a doença, o que atesta na prática que os GAMs servem de referência para a propagação de conhecimento sobre as patologias e suas progressões (PIRES et al., 2017). Também foi mencionado o sentimento de compromisso com o grupo: os integrantes o valorizam como um espaço de trabalho na ajuda às famílias cuidadoras.

Um outro aspecto benéfico do grupo discutido no artigo diz respeito à construção dos saberes de forma horizontal, rompendo com a hierarquia do poder biomédico. Isso mostra a participação no grupo como um processo de construção coletiva do saber, o que vai ao encontro da Teoria do Cuidado Cultural proposta por Madeleine Leininger. De modo geral, a teoria fala da necessidade de olhar para o cuidado culturalmente sensível, ou seja, sem imposição do saber da cultura profissional desrespeitando o que o outro traz.

Como último destaque, este GAM foi caracterizado como espaço terapêutico. Embora não sejam grupos de terapia, as pesquisadoras observaram fatores terapêuticos grupais, como a partilha de situações semelhantes, a ajuda ao outro, a confiança para expressar as próprias emoções, a autorrevelação.

Efeitos de uma intervenção psicoeducativa em cuidadores familiares de portadores da doença de Alzheimer, de autoria de Cíntia Costa Ponce et. al. (2011), é o título do quarto artigo analisado. A intervenção se deu no hospital das clínicas da USP. Um grupo de cuidadores de pacientes com a doença de Alzheimer participou semanalmente de encontros psicoeducacionais com o objetivo de obter informações sobre a doença e promover uma rede de suporte emocional mútuo. O grupo foi conduzido por profissionais de diferentes áreas da saúde. O conteúdo foi previamente selecionado, sempre em torno da doença de Alzheimer. Era apresentado ao público de modo a estimular o diálogo aberto, perguntas, reflexões, compartilhar de experiências e

de problemas cotidianos. Os cuidadores também podiam expressar seus medos, ansiedades, enfim, a grande sobrecarga emocional a que estavam submetidos.

Como resultados, além de caracterizar o perfil dos participantes, os pesquisadores aplicaram uma escala para avaliar a sobrecarga do cuidador, antes e após a intervenção. Perceberam uma melhora nos domínios aferidos pela escala, a saber: tensão geral, isolamento, decepção, envolvimento emocional e ambiente (PONCE et al., 2011).

O quinto e último trabalho analisado foi o de Cerqueira e Oliveira (2002), intitulado “Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos”. Ele detalhou a criação de um programa de apoio aos familiares de idosos demenciados, com o objetivo de preservar a qualidade de vida dos cuidadores e proporcionar melhores condições de atendimento familiar aos pacientes. Utilizam como referencial teórico o conceito de complexidade de Edgar Morin e o conceito de gerontotecnologia, que é o resultado de um trabalho que envolve um conjunto de ações que apresentam como finalidade o cuidado em saúde.

O programa de apoio aos cuidadores citado no artigo foi dividido em três módulos com objetivos distintos. O primeiro, módulo centrado no Cuidador, para permitir a expressão de sentimentos, estimular o compartilhar de experiências e dificuldades, entre outros. O segundo, módulo centrado no cuidado, foram convidados outros profissionais para abordarem tópicos de área técnica como nutrição, psiquiatria, enfermagem. Por último, o módulo centrado na relação, abordando os principais problemas na relação com os familiares e propostas para superá-los.

As pesquisadoras Cerqueira e Oliveira (2002) utilizaram dois inventários, no início e ao final do programa, para avaliar os cuidadores segundo a sobrecarga da atividade de cuidar e a presença de sintomas psiquiátricos. Como esperado, os dados obtidos indicaram a presença de sintomas psiquiátricos que se mantiveram os mesmos ou até aumentaram no final do programa. Indicaram também mudanças favoráveis na expressão de sentimentos, estabelecimento de limites e retomada de atividades de lazer. Outro achado sugeriu que o peso sentido parece ser maior ou menor dependendo da qualidade da relação anterior com o idoso, da possibilidade de dividir o cuidado, da

existência de apoio social e do maior ou menor comprometimento da autonomia do idoso, sendo a situação financeira um fator facilitador ou agravante da situação.

Dos cinco trabalhos analisados, todos tiveram o caráter de intervenções gerontogerátricas inseridas em programas destinados à comunidade onde a pesquisa aconteceu. Todas as intervenções/pesquisas foram coordenadas por pesquisadores de universidades públicas brasileiras e portuguesa. Somente um foi desenvolvido por uma organização não-governamental, porém em parceria com a universidade pública. Isto confirma o protagonismo da universidade pública nas pesquisas e nos cuidados diretos ao idoso e seus familiares.

Pode-se inferir que os dois principais eixos de atuação dos grupos focalizaram o suporte psicoeducacional e o suporte afetivo-social para a sobrecarga do cuidador, sendo o primeiro mais privilegiado. De fato, os fatores terapêuticos proporcionados pela convivência grupal não foram tanto objeto de análise nestas pesquisas – exceção feita ao artigo 3 (“Grupo de ajuda mútua a familiares de pessoas idosas com demência: desvelando perspectivas”), que explorou um pouco mais os efeitos terapêuticos do grupo.

A avaliação da eficiência dos grupos foi feita predominantemente por meio de questionários, escalas e inventários validados, aplicados antes e depois das intervenções grupais. São maneiras pertinentes de se obter dados empíricos, de forma objetiva, para se traçar as melhores intervenções. Embora todos os artigos tenham mencionado os efeitos positivos dos grupos para o autocuidado e cuidado do familiar idoso, a natureza das pesquisas não permitiu descrever as avaliações dos participantes a respeito dos encontros nos grupos. Fica a sugestão para futuras pesquisas, com metodologias distintas, no sentido de se conhecer mais a dinâmica do funcionamento intergrupo, a maneira como as relações se estabelecem e se consolidam, o sentido existencial de estar em grupo. São saberes igualmente importantes a serem explorados, para orientar as ações de constituição de futuros grupos.

A relação dos participantes dos grupos estava atrelada à adesão aos diferentes serviços institucionais. A frequência dos encontros (predominante semanal) e o início e fim determinado pela instituição promotora (em geral de três a seis meses) sugere que os grupos de apoio/ajuda mútua ainda necessitam de apoio institucional para serem

criados ou continuados. Os artigos 2 e 5 (respectivamente, Ribeiro et al., (2017) e Cerqueira e Oliveira, (2002) relataram que, ao final dos programas de intervenção, houve desejo das pessoas de continuarem a se encontrar fora do domínio institucional, mas não relataram como isto aconteceu.

Por fim, os cinco artigos analisados trouxeram importante contribuição teórico-prática para o campo das intervenções grupais com os cuidadores de idosos. Todos eles foram muito consistentemente embasados, com fundamentação teórica que respalda as intervenções com muita propriedade. Como exemplos, tem-se a teoria da tecnologia cuidativa de ação grupal de ajuda mútua; a teoria das tecnologias leve e leve-dura, de Merhy; a teoria do Cuidado Cultural, de Leininger; o conceito de complexidade de Morin. Todas eles saberes importantes para respaldar as chamadas gerontotecnologias, saberes estes que se confirmam como plurais, interconectados e processuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço aqui uma última e importante observação sobre a motivação desta pesquisa: O psicólogo Devanir Merengué, em seu livro *Psicodrama e Investigação Científica* (2006) defende a ideia de uma “pesquisa encarnada, que gerará uma escrita encarnada, contraposta a uma escrita burocrática” (MERENGUÉ, 2006). Com isto defende que o desejo humano seja uma mola propulsora, motivadora da pesquisa. O tema da pesquisa deste trabalho é absolutamente relevante para mim. Primeiro, pelo meu trabalho como psicoterapeuta e acompanhante terapêutica, com atendimentos a idosos, e em especial aos idosos com transtornos mentais. E especialmente pelo grupo de apoio aos cuidadores de idosos com transtornos mentais que acontece na [Clínica Trilhas](#) há mais de cinco anos e ao qual sou facilitadora.

Grupos de apoio aos familiares de idosos fragilizados são referências de suporte bastante relevantes, porém ainda pouco explorados. Inserem-se no campo das tecnologias leves, com baixíssimo custo, a depender de um arranjo comunitário e solidário. É certo que sua eficiência pode ser determinante para o bem estar do cuidador familiar, e, conseqüentemente, do próprio idoso. As poucas pesquisas encontradas na literatura podem estar relacionadas às dificuldades metodológicas encontradas, ou ainda

por não serem do interesse das grandes corporações que financiam as pesquisas gerontogerátricas.

Aliado a um conhecimento de funcionamento grupal, muitos gerontólogos podem e devem contribuir com a formação e acompanhamento de tais grupos. Enfermeiros, Terapeutas Ocupacionais, Psicólogos, Assistentes Sociais, são alguns dos profissionais da gerontologia que podem contribuir bastante na tarefa de ampliar ainda mais a divulgação desta tecnologia.

Esta revisão de literatura talvez seja um primeiro passo para tal tarefa.

6 REFERÊNCIAS

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em 10/9/2019)

ALMEIDA, L. et al. Cuidado realizado pelo cuidador familiar ao idoso dependente, em domicílio, no contexto da estratégia de Saúde da Família. Texto contexto - enfermagem, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 543-548, Set. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000300008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000300008>.

BRASIL, SENADO FEDERAL. Notícia: Plenário regulamenta a profissão de cuidador de idoso. Recuperado de: Portal de notícias do senado - <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/21/plenario-regulamenta-a-profissao-de-cuidador-de-idoso-em-30/11/2019>.

BRODATY, H.; GREEN, A.; KOSCHERA, A. Meta-analysis of psychosocial interventions for caregivers of people with dementia. Journal of American Geriatric Society, v. 51, n. 5, p. 657-664, 2003.

CHIEN, L.Y.; CHU, H.; GUO, J.L. et al. Caregiver support groups in patients with dementia: a meta-analysis. International Journal Geriatric Psychiatry, v. 26, n. 10, p. 1089-1098, 2011.

CERQUEIRA, A.T. A. R.; OLIVEIRA, N. I. L. Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos. Psicologia USP, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-150, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000100007>.

FALCÃO, D.V.S.; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. A doença de Alzheimer na perspectiva de mulheres cuidadoras na maturidade. In: FALCÃO, D.V.S.; DIAS, C.M.S.B.(org.) Maturidade e Velhice: Pesquisas e Intervenções Psicológicas. Vol. II. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006.

ILHA, S. et al. Gerontotecnologias utilizadas pelos familiares/cuidadores de idosos com Alzheimer: contribuição ao cuidado complexo. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 27, n. 4, e5210017, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000400320&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2019. Epub 03-Dez-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018005210017>.

LEME, L.E.G. e SILVA, P. S.C.P. o Idoso e a Família. In: PAPALÉO NETO, M. Gerontologia: A velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 92-105.

MERENGUÉ, D. Psicodrama e investigação científica. In: MONTEIRO, A.M., MERENGUÉ, D e BRITO, V. Pesquisa Qualitativa e Psicodrama. São Paulo: Ágora, 2006, p. 57-87.

NERI, A. L. e SOMMERHALDER, C. As várias faces do cuidar e do bem-estar do cuidador. In: Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais. São Paulo: Alínea, 2002. Cap.1, p. 9-63.

PASCHOAL, S.M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (org.). Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002, p.26-43.

PINTO, M.F. et al. Qualidade de vida de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer. Acta paulista de enfermagem, São Paulo, v. 22, n. 5, Outubro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000500009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de Outubro de 2012.

RIBEIRO, Ó. et al. Grupos de Ajuda Mútua para Cuidadores informais de pessoas com demência: no sentido de um helping ethos comunitário. *Physis*, Jul 2017, v.27, no.3, p.397-413. ISSN 0103-7331

RODRIGUES, A.M.D.; BORGES, A.M.M.; BEZERRA, E.D.; CASTRO, A.P.R. Perfil dos cuidadores de idosos atendidos em um hospital da rede pública do município de Juazeiro do Norte, Ceará. Revista Tendências da Enfermagem Profissional – Fortaleza [CE] 2012 mar; 4 (1). Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/2012/apres.php?vidcanal=28> Acesso em: 02/10/2012

SALGUEIRO, H.; LOPES, M. A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso dependente. Rev. Gaúcha Enferm. (Online), Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 26-32, Mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000100004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472010000100004>.

SENA, E.L. S. et al. Tecnologia cuidativa de ajuda mútua grupal para pessoas com Parkinson e suas famílias. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 93-103, mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000100011>.

PIRES, F.R.O. et al. Grupo de ajuda mútua a familiares de pessoas idosas com demência: desvelando perspectivas. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 26, n. 2, e00310016, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000200320&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Mar. 2020. Epub July 03, 2017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000310016>

PONCE, C. C. et al. Efeitos de uma intervenção psicoeducativa em cuidadores familiares de portadores da doença de Alzheimer. Dement. neuropsychol., São Paulo, v. 5, n. 3, p. 226-237, Sept. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-57642011000300226&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1980-57642011DN05030011>